

# O Interiorano “Subversivo”: Política e jornalismo no Pontal do Triângulo Mineiro (1951-1964)

## The ‘Subversive’ Press from the Interior: Politics and Journalism in the Pontal do Triângulo Mineiro (1951-1964)

Caio Vinicius de Carvalho Ferreira\*

<https://orcid.org/0000-0002-4660-9124>

### Resumo

O jornal Folha de Ituiutaba, caracterizado como uma imprensa do interior, foi um periódico produzido entre 1942 e 1964 que circulava no Pontal do Triângulo Mineiro. Voltado a noticiar sobre a região em que era produzido, devido às suas posições políticas, o jornal foi constantemente vigiado pela polícia política durante os anos 1950 e parte dos anos 1960, até que, com o golpe civil-militar de 1964, sob acusação de ser um impresso “subversivo” e “comunista”, o jornal foi fechado. Este artigo tem como objetivo refletir sobre o papel político do impresso, buscando compreender as ações políticas do jornal e os motivos pelos quais foi constantemente vigiado e, por fim, fechado. Para isso, usamos como fontes o próprio jornal, bem como outros documentos, como os arquivos da polícia política, analisando e cruzando esses documentos.

**Palavras-chave:** Imprensa do interior, golpe civil-militar, Pontal do Triângulo Mineiro, Folha de Ituiutaba.

### Abstract

The *Folha de Ituiutaba* newspaper, characterized as a press from the interior, was a periodical produced between 1942 and 1964 that circulated in the Pontal do Triângulo Mineiro. Focused on reporting on the region where it was produced, due to its political stances, the newspaper was constantly monitored by the political police during the 1950s and part of the 1960s. Eventually, with the civil-military coup of 1964, under the accusation of being a “subversive” and “communist” publication, the newspaper was closed. This article aims to reflect on the political role of the newspaper, seeking to understand its political actions and the reasons why it was constantly monitored and, ultimately, closed. For this, we use the newspaper itself as a source, along

\* Doutor em História pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: caiovdecferreira@gmail.com



with other documents, such as files from the political police, analyzing and cross-referencing these documents.

**Keywords:** Press from the interior, civil-military coup, Pontal do Triângulo Mineiro, *Folha de Ituiutaba*.

## Introdução

A Folha de Ituiutaba era um jornal impresso voltado à cobertura de notícias, com foco em um mercado de proximidade. Produzido em Ituiutaba, no estado de Minas Gerais, circulava majoritariamente na microrregião do Pontal do Triângulo Mineiro<sup>1</sup>. Teve produção e circulação de 1942 até o ano de 1964, sendo, até o momento do seu fechamento, o periódico com maior duração na região onde se dedicava a levar seus escritos. Durante as décadas de 1950 e 1960, a Folha de Ituiutaba e seus responsáveis foram frequentemente vigiados e denunciados pela polícia política do Estado. Com o golpe civil-militar de 1964, suas atividades foram interrompidas, resultando no fechamento do periódico e na prisão de seu proprietário e redator-chefe, sob acusação de ser um veículo de comunicação “subversivo”.

No Brasil republicano (1889–), especialmente durante as duas ditaduras do século XX, muitos jornais enfrentaram censura, perseguição e fechamento por parte do Estado<sup>2</sup>, principalmente os mais alinhados a movimentos sociais e críticos aos governos, tiveram suas atividades encerradas. Desde “os seus primórdios, a imprensa se impôs como uma força política. Os governos e os poderosos sempre a utilizam e temem; por isso adulam, vigiam, controlam e punem os jornais”<sup>3</sup>.

Apesar de muitos jornais terem sido fechados com o golpe de 1964, a Folha de Ituiutaba apresenta um caso singular - não necessariamente único. A maioria dos jornais fechados naquele contexto era composta por periódicos de orientação militante ou declaradamente vinculados a partidos ou movimentos sociais. A Folha de Ituiutaba tratava-se de um típico jornal do interior, voltado prioritariamente à divulgação de notícias regionais, sem orientação militar ou engajamento partidário explícito. Ainda que alguns de seus jornalistas

<sup>1</sup> Ituiutaba é um município do interior de Minas Gerais, localizado no oeste do estado mineiro, sendo a principal cidade da microrregião do Pontal Triângulo. Segundo dados do IBGE, no Pontal do Triângulo Mineiro, em 2010, apresentava uma população de 143.348 habitantes, distribuídos em seis municípios: Ituiutaba, Cachoeira Dourada, Ipiáçu, Capinópolis, Santa Vitória e Gurinhatã. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico de 2010*, Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

<sup>2</sup> Aqui estamos nos referindo ao Estado Novo (1937 até 1945), e à Ditadura Militar (1964 até 1985).

<sup>3</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988, p.13.

fossem partidários e o periódico mantivesse relações com movimentos sociais de trabalhadores, essas vinculações não definiam sua finalidade principal.

Neste trabalho, buscamos compreender como o jornal interiorano Folha de Ituiutaba, ao longo de sua trajetória, atraiu a atenção da repressão estatal, sendo vigiado, perseguido e, por fim, fechado. A investigação se fundamentou na análise do contexto político e social em que o periódico estava inserido, examinando suas práticas editoriais e os discursos veiculados, para identificar as razões que o levaram a ser categorizado como um “veículo subversivo” pelas autoridades. Para tanto, analisamos as ações do jornal ao longo do período de 1951 a 1964, com base em suas publicações e no impacto destas na conjuntura sociopolítica de sua época.

Os jornais são produtos de poder. São confeccionados por grupos que exprimem suas representações políticas, sociais e culturais de mundo, contextualizadas na realidade em que se inserem<sup>4</sup>. De certa forma, os impressos constituem formas simbólicas de luta pelo poder, por meio das quais se busca a hegemonia<sup>5</sup>, afirmindo-se como porta-voz de grupos, de memórias, de ideais e de movimentos políticos. Não são isentos de tensões, e, muitas vezes, desempenham papel fundamental em prol dos interesses de grupos, cumprindo não somente um papel de vigilância, mas sim de cumplicidade e de ação política.

Para isso, a pesquisa se baseou em análise de fontes hemerográficas complementadas por documentos da polícia política, como os registros do Departamento de Ordem Política e Social de Minas Gerais (DOPS-MG), além de outros materiais relativos ao jornal e seus jornalistas, o que permitiu uma análise detalhada das práticas do jornal e do impacto de suas ações no contexto político e social de 1951 a 1964. Desse modo, metodologicamente, fizemos não somente o exercício de questionamento desses documentos, mas também do cruzamento de fontes em busca de diferentes informações e de paradoxos.

Sustentamos a perspectiva de que, a partir dos anos 1950, com as transformações na economia regional e a ascensão dos trabalhadores locais em torno de suas reivindicações políticas, a Folha de Ituiutaba passou a representar, em seus escritos, as lutas e demandas de movimentos de trabalhadores. Embora não se configurasse como um jornal declaradamente militante ou partidário, sua atuação jornalística expressava as tensões e aspirações desse

<sup>4</sup> CHARTIER, Roger. O mundo como Representação. In: \_\_\_\_\_. *À Beira da Falésia: A História entre Certezas e Inquietude*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, pp. 61-80.

<sup>5</sup> BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: \_\_\_\_\_. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz, Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2003, pp. 9-15.

contexto social. O jornal representava lutas trabalhistas, opondo-se a políticas de latifundiários e empresários, tanto em âmbito local quanto nacional. Por tais posicionamentos, o jornal enfrentou o descontentamento das autoridades policiais e das elites políticas locais, formadas principalmente por donos de indústrias e fazendeiros. Essas elites buscaram meios de silenciar o jornal, recorrendo a diversas tentativas de empastelamento, todas frustradas devido à ilegalidade das ações e à força política que o jornal detinha.

No entanto, com o golpe de 1964, essas elites se viram fortalecidas pela nova conjuntura política inaugurada pelo golpe civil-militar e aproveitando-se do momento, em aliança com os militares, conseguiram fechar o jornal e interromper a difusão das ideias e críticas veiculadas pelo periódico. Por sua vez, os militares enxergaram nessa aliança um terreno fértil para consolidar o controle político e social na região, eliminando opositores e reforçando o autoritarismo no contexto regional.

Nesse contexto é importante atentarmos o papel das elites enquanto agentes ativos desse processo. As elites políticas correspondem a grupos minoritários dentro das sociedades que exercem o poder de governar ou de dirigir. Diferenciam-se por aspectos organizacionais, de caráter institucional, que lhes permitem manter-se no poder, frequentemente legitimando-se por meio de normas institucionais, tradições ou crenças sociais. Essas elites não são estáticas, pois estão sujeitas a processos de circulação, nos quais grupos externos ou subordinados podem ascender. Elas exercem controle sobre as decisões centrais da sociedade — não apenas administrativas, mas também relativas a prioridades políticas, projetos, normas e governos — de modo que o poder real permanece concentrado em uma minoria dirigente<sup>6</sup>. Partindo dessa concepção, comprehende-se que naquele contexto as elites locais ao se aliarem com militares no novo cenário retomam sua posição de domínio eliminando vozes destoantes — entre elas, a da Folha de Ituiutaba.

## **Uma Imprensa do Interior**

Ao longo de seu percurso a Folha de Ituiutaba carregava junto ao seu expediente o slogan “dedicado aos interesses da região”. Isso resumia basicamente a intencionalidade que o jornal pretendia durante toda a sua trajetória: informar, noticiar e dar seu parecer voltado para a região do Pontal do Triângulo Mineiro. Circulava de modo bissemanal, mas em alguns períodos

<sup>6</sup> GRYNSZPAN, Mário. A teoria das elites e sua genealogia consagrada. BIB: *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, v. 41, 1996, pp. 35-83.

de sua trajetória como um hebdoadário, em seus anos finais chegou a ter uma tiragem de 3.000 exemplares por edição. Outra não constância na Folha de Ituiutaba foi o número de páginas nas suas edições, geralmente, alternando entre 4 ou 6 páginas. O jornal era impresso em tinta preta. O molde de tamanho configurava o que conhecemos próximo do formato *standard*, sendo uma brochura, no qual suas páginas tinham entre 53,5x36cm, caracterizando-se por páginas longamente verticalizadas, e, em geral, dobradas horizontalmente no meio<sup>7</sup>. O modelo segue uma diagramação modular que mistura a distribuição vertical com a distribuição horizontal das matérias e anúncios.

A Folha de Ituiutaba seguia o padrão de um jornal de *imprensa do interior*, que dentre as principais características desse tipo de periódico, se ocupava mais em escrever e noticiar para a sua regionalidade, basicamente, voltado para um mercado de proximidade de onde é produzido<sup>8</sup>. Era direcionado para leitores das cidades em que circulava, principalmente, das localizadas no Pontal do Triângulo Mineiro e no entorno, dando ênfase às notícias da cidade de Ituiutaba, Capinópolis, Santa Vitória, Cachoeira Dourada, Prata, Monte Alegre de Minas, Gurinhatã, Ipiaçu, Campina Verde, Canápolis, entre outras. Muitas dessas cidades, até parte da década de 1960, eram distritos pertencentes ao município de Ituiutaba.

A Folha de Ituiutaba construiu-se como potência jornalística regional ao longo do seu histórico. Tinha uma estrutura empresarial, munida da mais potente linotipo da região na década de 1960, corpo jornalístico expressivo dividido em funções específicas, era carregada de editoriais, colunas sociais, esportistas, sensacionalistas, escritos opinativos, entre outros, além de um grande espaço para publicidade e propaganda. Além disso, a Folha de Ituiutaba era um demolidor de outros periódicos: ao longo dos anos em que o estudamos (1951-1964), nenhum outro jornal concorrente regional sobreviveu tanto tempo quanto ele.

Como afirma Ribeiro, a ideia construída de que ocorreu uma modernização gráfica, editorial, linguística e empresarial dos jornais brasileiros na década de 1950 (principalmente da imprensa carioca), atribuiu ao meio jornalístico o status de espaço oficial de informação, conferindo-lhe um lugar institucional, que enunciava as “verdades” dos acontecimentos, como um registro factual por excelência, fazendo os impressos se firmarem como fala

<sup>7</sup> DAMASCENO, Patrícia L. Design de Jornais: projeto gráfico, diagramação e seus elementos. *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação* (BOCC), v. 1, p. 1-40, 2013.

<sup>8</sup> ASSIS, Francisco de. Imprensa do Interior: conceitos a entender, contextos a desvendar; In: ASSIS, Francisco de (Org.) *Imprensa do interior: conceitos e contextos*. Chapecó: Argos, 2013, pp.13-19.

autorizada em relação à constituição do real. Nesse momento, o discurso jornalístico se revestiu em produção de autoridade, mediante a afirmação de fidelidade dos eventos, o que conferiu certo poder simbólico. Os jornalistas, ao implementar um discurso de intérpretes neutros e objetivos do mundo social, constituídos junto à modernização da imprensa e à idealização da profissão perante o papel social que afirmavam ter, conferiam autonomia ao campo jornalístico frente ao campo literário. Essa modernização, autoafirmada pelos próprios jornalistas, nada mais foi do que sedimentação de uma série de implementações, que já vinham se acontecendo desde o início do século XX. Portanto, transformar as notícias em aura de neutralidade e objetividade era, então, uma estratégia de poder<sup>9</sup>.

A Folha de Ituiutaba também publicava conteúdos sobre assuntos internacionais, nacionais e estaduais. Para a produção dessas matérias, eram utilizados jornais de grande circulação (principalmente, o jornal carioca *Última Hora*), rádio, telégrafo e a recém chegada televisão. Geralmente, as informações eram transcritas e adaptadas para o contexto local. Nesse processo, os jornalistas expressavam suas opiniões políticas em relação aos acontecimentos, mesmos as transpostas integralmente, configuram-se como notas em que o jornal concordava ou se alinhava com o ponto de vista político do meio de comunicação que, originalmente, a publicou.

Em sua prática jornalística, a Folha de Ituiutaba unia diferentes formas de jornalismo com o intuito de atender a uma demanda regional. Assim, o periódico abordava uma variedade de temas ao longo de sua trajetória, visando um mercado específico, focado na região em que era produzido e distribuído, com suas peculiaridades culturais e sociais. A partir disso, a Folha de Ituiutaba desenvolveu estratégias próprias de comunicação, focando em noticiar eventos que fossem de interesse direto de sua comunidade, com o objetivo de atingir um mercado de proximidade.

## Um jornal “subversivo”

A Folha de Ituiutaba e seus jornalistas tiveram diversos problemas relacionados aos seus escritos e a atuação do seu corpo jornalístico. O primeiro registro em que encontramos, nesse sentido, arquivado pelo Departamento de Ordem Política e Social do estado de Minas Gerais (DOPS-MG), se refere a

<sup>9</sup> RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (Tese de doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/ECO), 2000.

24 de julho de 1953, em que afirmavam que o redator-chefe do jornal, junto de outras lideranças dos trabalhadores, “ocultamente”, alimentaram um movimento local que desaguou em uma greve geral dos operários de diversos segmentos, mas, principalmente, de trabalhadores do ramo de beneficiamento de arroz. Segundo o documento, o motivo da manifestação foi exigir o aumento dos salários:

Desde fins de junho havia rumores de grave greve geral de operários de todas as categorias e empregados de máquinas de beneficiamento de arroz, titulareiros e comerciários, para forçar aumento de salários, que aqui está sendo pedido em comum por quase todos.<sup>10</sup>

Desde os fins da década de 1940 até o início dos anos 1970, a microrregião do Pontal do Triângulo Mineiro passou por significativas mudanças sociais, políticas e econômicas em seu quadro. Iniciou-se, na região um forte investimento no plantio de arroz nas grandes propriedades rurais, tornando a região um polo nacional de produção do grão. O perímetro industrial urbano também se transformou com a instalação de galpões para o beneficiamento do produto<sup>11</sup>.

Em 1954, a edição do jornal de 3 de março foi registrada no DOPS-MG. O motivo foi ter transposto, de vários outros jornais, uma publicação de propaganda do “Projeto de Programa do Partido Comunista do Brasil”, partido que vivia na clandestinidade desde 1947, em nota, com o título “Seção Livre – O PCB apresenta o seu programa”<sup>12</sup>. O proprietário da Folha de Ituiutaba, e o redator-chefe foram conduzidos à delegacia local para dar esclarecimentos, onde afirmaram que a tal notícia foi paga por um terceiro para ser publicada no jornal. A empresa jornalística foi processada com base na Lei de Imprensa<sup>13</sup>, processo que foi arquivado ainda no mesmo ano<sup>14</sup>.

<sup>10</sup> ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO - Fundo DOPS/MG, Rolo 068, Pasta 4684-im. 5, 1953.

<sup>11</sup> MATEUS, Renato. *A dinâmica da agricultura no cerrado: do apogeu do arroz à modernização do campo na região de Ituiutaba/MG (1946-1974)*. Monografia (Graduação) - Curso de História, Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2013.

<sup>12</sup> ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO - Fundo DOPS/MG, Rolo 068, Pasta 4684-im. 3-4; 7, 1954.

<sup>13</sup> A lei de imprensa a que se refere é a Lei Nº 2.083 de 1953, que “regula a Liberdade de Imprensa”. O processo foi enquadrado dentro no capítulo II, “DOS ABUSOS E PENALIDADES”, nos artigos 8º e 9º que se refere a “fazer propaganda de guerra, de processos violentos para subverter a ordem política e social, ou propaganda que se proponha a alimentar preconceitos de raça e de classe” LEI Nº 2.083, DE 12 DE NOVEMBRO DE 1953.

<sup>14</sup> FOLHA DE ITUIUTABA, N.657, ano XIII, Ituiutaba (MG), 10 de abr. 1954.

Posteriormente, em 1957, em outra ficha produzida no DOPS, afirmava-se que o redator-chefe estava usando do jornal para fazer propagandas “partidárias ao credo moscovita” e o jornal era “usado para a prática de atividades subversivas”<sup>15</sup>.

Dois anos após, mais uma vez, o redator-chefe é acusado por alimentar rumores de uma greve geral de operários, de diversas categorias na região, com ideias de “intrigar e sabotar”. Afirmava que ele apoiava movimentos comunistas, sendo consoante das ideias do jornal do Povo, que, segundo a ficha acusatória, dizia ser ligado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). O escrito também afirmava que o jornalista tinha “professando abertamente ideologias extremistas. Funcionário da causa”, onde, novamente, “o jornal em referência é também francamente partidário do credo moscovita”<sup>16</sup>.

Por fim, com o golpe civil-militar, é produzido o último documento no DOPS sobre a Folha de Ituiutaba em abril de 1964, sendo descrito dentro de um Inquérito Policial Militar (IPM), que levou à cassação do registro do jornal. Com isso, o periódico teve suas atividades interrompidas, foi interditado, proibido de circular, e teve a coleção de edições anteriores confiscadas. Uma junta militar vinda do município vizinho, Uberlândia, com o apoio de civis locais, dentre eles, diversos membros dos diretórios locais da União Democrática Nacional (UDN) e alguns do Partido Social Democrático (PSD), executaram o fechamento do jornal e prenderam o dono e o redator-chefe. Após a prisão, os responsáveis pelo jornal foram coercitivamente encaminhados para o DOPS em Belo Horizonte, onde ficaram por um período mantidos em cárcere privado, prestando depoimento. A acusação era de “atentar contra a ordem política e social, por meio de pregação de ideias e práticas extremistas”<sup>17</sup>.

Nos documentos da polícia política, o funcionamento da Folha de Ituiutaba era visto como uma cooperativa de subversão complexa, no qual vários “subversivos” e “comunistas” usavam suas páginas para difundir a tal ideologia.

## Política institucional

Ao longo de sua existência, a Folha de Ituiutaba apoiava e criticava os diversos projetos políticos expostos pelos cargos públicos ocupados por agentes

<sup>15</sup> ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO - Fundo DOPS/MG, Rolo 068, Pasta 4684-im. 6, 1957.

<sup>16</sup> ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO - Fundo DOPS/MG, Rolo 046, Pasta 3809-im. 163-164, 1959.

<sup>17</sup> ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO - Fundo DOPS/MG, rolo 049, pastas 3882-im.11, 1964.

na e da região, ou eleitos por ela, e também agia, legitimando ou justificando posições. Em contrapartida, a relação do periódico com movimentos sociais, agremiações, sindicatos e associações também era essencial na constituição das políticas regionais.

As relações políticas que dão as características dos espaços em que circulam periódicos do interior se compõem de variáveis que precisam ser consideradas, como o comportamento eleitoral, a tradição política de quem ali escreve, as relações com as lideranças políticas locais e regionais, além das ações/reações perante os acontecimentos estaduais e nacionais. Os jornais são um meio de comunicação, portanto, são produtos de expressões de grupos que se articularam, fomentadas por seus interesses e suas pressões culturais, políticas e sociais.

Os jornalistas da Folha de Ituiutaba eram ligados, partidariamente, a uma corrente do PSD, e possuíam tendências com alas progressistas, voltando-se, nos anos 60, às ideias trabalhistas mais ligadas ao PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). O Partido Social Democrático (PSD) era um partido político de orientação conservadora (apesar de agregar alas mais progressistas) e ligado à classe média e aos grupos econômicos dominantes (não tão reacionários quanto os da União Democrática Nacional - UDN). O partido evitava tomar posições doutrinárias rígidas, e, da mesma maneira que o PTB era também ligado, em suas raízes, ao getulismo, devido à sua formação, que contou com diversos inteventores, nomeados por Getúlio Vargas durante o Estado Novo. Com um caráter pragmático, o partido estava mais ligado aos interesses rurais e do interior do Brasil, o que faz muito sentido na região do Pontal do Triângulo, em vista da produção rural e dos políticos locais filiados ao partido, em sua maioria, proprietários rurais. A regra básica, no interior do pessedismo, era conciliação, negociação e a moderação, pois era um partido em que conviviam líderes tradicionais, atentos a bases do interior do país e ao latifúndio, mas também contava com reformistas emergentes voltados ao eleitorado urbano. Esse primeiro grupo era conhecido como as “raposas”, e o segundo a “ala moça”<sup>18</sup>.

Apesar do apoio e da filiação de seus jornalistas ao PSD, a afinidade do jornal com as políticas dos trabalhistas foram aumentando gradualmente, até que, na década de 1960, a Folha de Ituiutaba aproximou-se intimamente das medidas tomadas pelo PTB na região, apoiando muitos de seus projetos

<sup>18</sup> HIPPOLITO, Lucia. *De Raposas e Reformistas: O PSD e a experiência democrática brasileira (1945-64)*. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

políticos que se diziam em defesas dos trabalhadores em Ituiutaba. O PTB veio dentro de um movimento de conquistas, nas políticas institucionais da microrregião, desde os anos 50, saindo de um partido com poucos candidatos e limitada representatividade, para uma legenda que, em 1962, conseguiu eleger, além da maioria, no Legislativo municipal de Ituiutaba<sup>19</sup>, emplacar o cargo de Prefeito e Vice.

Durante o período, o jornal apoiava medidas em favor dos trabalhadores do município. Dentre as propostas, destacou-se a da bancada petebista que decretava a implementação da “Semana Inglesa”, a qual se referia em reduzir e reorganizar a jornada de trabalho no comércio e na indústria local. O modelo previa a execução total de 44 horas semanais de trabalho, distribuído em 8 horas diárias, de segunda a sexta-feira, e 4 horas durante o sábado, reservando o resto do sábado e o domingo todo (além dos feriados) para descanso dos trabalhadores. Ao longo de 1963, o jornal passou a publicar escritos curtos e destacados em sua primeira página, com letras maiores que as comuns, em tom de campanha, trazendo frases como: “A Semana Inglesa vem aí!”<sup>20</sup> e “Ituiutaba quer a Semana Inglesa!”<sup>21</sup>. Com a aprovação da proposta na casa legislativa, o jornal celebrava em manchete: “Câmara aprovou instituição da ‘Semana Inglesa!’”, nesse escrito afirmava que “foi recebida com a maior satisfação pela classe comerciaria, o fechamento do comércio e da Indústria nos sábados às 12 horas”<sup>22</sup>.

Outra proposta do governo petebista, apoiada pelo Executivo municipal e amplamente repercutida pela imprensa local, foi a criação de um novo código tributário para o município. De acordo com uma ficha do DOPS sobre o prefeito petebista, o projeto previa a aplicação de impostos proporcionais ao tamanho das propriedades e dos bens, o que representava uma tentativa de tornar a arrecadação mais progressiva e socialmente justa. No documento:

Aliás mesmo sendo grande latifundiário sempre pronunciou a favor das reformas, contrariando a maioria de seus colegas fazendeiros. Há tempos já como prefeito, quando a Câmara estava

<sup>19</sup> Em 1962, o PTB elegeu 6 cadeiras no legislativo tijucano, enquanto a UDN, 5 cadeiras, e o PSD 3 cadeira, por fim, o PSP fez apenas uma cadeira. FOLHA DE ITUIUTABA, N.1236, ano XXII, Ituiutaba (MG), 02 de fev. 1963.

<sup>20</sup> FOLHA DE ITUIUTABA, N.1237, ano XXII, Ituiutaba (MG), 06 de fev. 1963.

<sup>21</sup> FOLHA DE ITUIUTABA, N.1242, ano XXII, Ituiutaba (MG), 23 de fev. 1963.

<sup>22</sup> FOLHA DE ITUIUTABA, N.1245, ano XXII, Ituiutaba (MG), 13 de mar.1963.

reunida para aprovar o Novo Código Tributário, aumentando os impostos sobre os latifundiários.<sup>23</sup>

Em 1963, a Folha de Ituiutaba publicou a matéria “Legislação Trabalhista (salário mínimo, etc.) para os operários municipais”, uma entrevista com o recém-eleito prefeito petebista, na qual ele apresentava suas propostas de governo, enfatizando medidas de cunho trabalhista e reafirmando seu apoio à aprovação do novo código tributário. Ao dar destaque a essas pautas, a Folha de Ituiutaba alinhava-se ao discurso trabalhista que ganhava força no cenário local, atuando como porta-voz regional das políticas que diziam representar os interesses dos trabalhadores<sup>24</sup>.

Esse alinhamento é ainda mais evidente no editorial intitulado “Poucos decidem para tantos”, no qual o redator conclamava a população a apoiar o projeto do Executivo e a confiar na condução política do prefeito. O texto defendia que

NINGUÉM que tenha alguma parcela de responsabilidade pelos destinos de nossa comunidade pode se omitir diante do encaminhamento normal e pacífico da discussão sobre o Projeto do Código Tributário do município (...).

VAMOS todos, independentes de coloração partidária, ajudar o Chefe do Executivo nesse seu esforço para dotar Ituiutaba de uma justiça tributária (...).<sup>25</sup>

Dessa forma, a Folha de Ituiutaba assumia um papel ativo na legitimação do projeto governamental, promovendo uma narrativa de ordem, civismo e modernização, em sintonia com o ideário trabalhista.

Com as mudanças na região, resultantes do surgimento de novos sujeitos políticos reivindicando direitos — como o grande número de trabalhadores do arroz, muitos deles oriundos da região Nordeste do Brasil —, emergiram também novos atores políticos, acompanhados de problemas e questionamentos sobre privilégios. Nesse contexto, o PTB começou a crescer, conquistando novos eleitores e posicionando-se como defensor dessas lutas.

O PSD, dentro de suas contradições, era formado, grosso modo, por duas alas que entraram em conflito nos últimos anos de partido. A Ala Moça do PSD foi uma das fundadoras da Frente Parlamentar Nacionalista (FPN), o que

<sup>23</sup> ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO - Fundo DOPS/MG, rolo 008, pasta 0078-im.188-189, 1964.

<sup>24</sup> FOLHA DE ITUIUTABA, N.2036, ano XXII, Ituiutaba (MG), 02 de fev. 1963.

<sup>25</sup> FOLHA DE ITUIUTABA, N.1279, ano XXII, Ituiutaba (MG), 04 de set. 1963.

criou conflitos internos no partido, devido às outras alas ligadas à oligarquia rural (as “raposas”), principalmente, em embates em torno das Reformas de Base de João Goulart. Com o advento do golpe de 1964 a legenda se dividiu entre os apoiadores e os não apoiadores, sendo que os “raposas” apoiaram, em sua maioria, a destituição de Goulart<sup>26</sup>.

Assim, podemos afirmar que os redatores e jornalistas da Folha de Ituiutaba, apesar do esforço em sustentar um discurso de imparcialidade jornalística, estavam alinhados politicamente à chamada “ala moça” do PSD, junto de outros partidários locais, por defenderem, em suas páginas, as políticas trabalhistas, muitas delas, em favor dos trabalhadores locais, fazendo oposição aos posicionamentos de políticas conservadoras e elitistas na microrregião (expostas nas propostas dos udenistas e de alguns pessedistas ligados aos privilégios de proprietários rurais), e sendo a favor de lutas que se diziam por direitos e conquistas de trabalhadores locais.

Apesar do trabalhismo, enquanto projeto político, ter nascido no Estado Varguista, durante a Quarta República (1945-1964) ele ganha densidade própria enquanto visão de nação, desenvolvimento e sociedade. Baseado em um projeto nacional-popular, buscava o nacionalismo econômico (soberania e controle estatal de recursos), desenvolvimentismo (por meio da industrialização e modernização) e o reformismo social (baseando-se na aplicação de direitos e participação popular)<sup>27</sup>.

A mesma ação civil-militar que levou ao fechamento da Folha de Ituiutaba em 1964, também resultou na destituição dos agentes políticos vinculados ao PTB de seus cargos no município de Ituiutaba<sup>28</sup>. No seu lugar foram nomeados outros gestores, em sua maioria ligados ao diretório da UDN local, evidenciando a reconfiguração política pós-golpe.

## Movimentos sociais, grupos e associações

A relação da Folha de Ituiutaba com os trabalhadores locais e os movimentos sociais esteve presente em diversas publicações. Nos últimos anos do jornal, essa conexão tornou-se mais evidente. Como parte do jogo político, o

<sup>26</sup> HIPPOLITO, Lucia. *De Raposas e Reformistas: O PSD e a experiência democrática brasileira (1945-64)*. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

<sup>27</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001, pp. 167-293.

<sup>28</sup> ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO – Fundo DOPS, rolo 018, pasta 0269 - im.310; 365, 1964.

jornal não somente demonstrava e apoiava as políticas e ações, mas, muitas vezes, agia na organização, noticiando, informando-os e trazendo, nas suas páginas, notas sobre direitos e luta de grupos de trabalhadores. Podemos pensar, por um lado, que as publicações se faziam favoráveis aos trabalhadores e aos movimentos sociais, entretanto, isso também caracteriza um artifício de relacionamento político, em que o jornal se apresentava como um coordenador e aglutinador, ao fazer alianças com esses movimentos, enquanto os trabalhadores visavam, com esse pacto, às melhorias trabalhistas.

Desde o final dos anos 1940, a Folha de Ituiutaba trazia diversas notas sobre questões sindicais e de trabalhadores da região, fazendo cobranças aos empregadores. No final dos anos 1950 e início dos 60, o impresso publicou vários escritos sobre a questão de estabelecimento de pisos salariais para os trabalhadores municipais, movimentações em favor de salário-mínimo e de seu aumento. Em 1959 o jornal trouxe a matéria intitulada “Inconformados os trabalhadores locais com o salário-mínimo decretado para o município”, na qual apresentava a insatisfação dos trabalhadores ituiutabanos diante do valor estabelecido do salário mínimo local, principalmente comparado com as das cidades vizinhas. O texto relatava que:

O descontentamento foi provocado pelos níveis de Uberaba e Uberlândia. [...] Concordia assembleia realizou ontem à noite a Associação dos Trabalhadores de Ituiutaba, para discutir as novas bases salariais decretadas para este município e as providências tendentes ao novo memorial que será encaminhado ao Prefeito e ao Presidente da República.<sup>29</sup>

No início dos anos 1960 a Folha de Ituiutaba se ocupou em trazer a greve dos trabalhadores municipais que exigiam o aumento do piso salarial. Em abril de 1961, o jornal destacou e apoiou o movimento reivindicatório desses trabalhadores, considerando-o justo e merecedor de “simpatia geral”. Na cobertura das mobilizações de 1º de maio, o periódico enfatizou o caráter legítimo das manifestações, afirmando que:

Os trabalhadores têm o direito de lutar por um salário que permita atender às necessidades básicas de alimentação, vestuário e moradia. O movimento é pacífico e justo, não se trata de uma campanha para hostilizar a administração, mas sim de uma reivindicação legítima que merece apoio.<sup>30</sup>

<sup>29</sup> FOLHA DE ITUIUTABA, N.928, ano XVIII, Ituiutaba (MG), 3 de jan. de 1959.

<sup>30</sup> FOLHA DE ITUIUTABA, N.1096, ano XIX, Ituiutaba (MG), 19 de abr. de 1961.

Em 1962, o jornal manteve o acompanhamento das greves e as mobilizações pelo reajuste do salário-mínimo, reafirmando seu apoio à causa dos trabalhadores diante da alta do custo de vida. Ao registrar o encerramento das paralisações, destacou o caráter exemplar dos grevistas: “O movimento paredista dos operários municipais teve caráter pacífico e ordeiro, pondo à mostra a consciência da causa que lutavam ao desencadearem a parede”<sup>31</sup>.

A Folha de Ituiutaba também trouxe chamadas e convocatórias de encontros e reuniões de trabalhadores, agindo na organização desses por meio dos eventos. O periódico fazia o papel de ser um informativo sobre ações e medidas que eram tomadas por essas associações. Essas notas saiam como uma maneira de aglutinar os trabalhadores e tomarem ciência das discussões, principalmente, após as reuniões e as deliberações, além de noticiar os acontecimentos desses encontros junto aos anúncios dos próximos que aconteceriam. Ao tomar essa frente, o jornal se tornava um veículo informativo para os trabalhadores, talvez, com o intuito de ganhar a adesão política desses, dentro do jogo político. A Folha de Ituiutaba se apresentava como divulgador desses grupos e movimentos, publicando, em suas páginas, recados e informes de várias associações, e, apoiando ações em favor de causas trabalhistas.

No ano de 1958, surge no jornal a Coluna do Trabalhador, seção que, periodicamente, trazia assuntos sobre os direitos e as conquistas dos trabalhadores. No início da década de 1960, surge a Coluna Sindical, com o mesmo teor. Na ala escrita na Folha de Ituiutaba, encontramos várias explicações voltadas para os trabalhadores, informando e atualizando-os em questões das leis recém-adquiridas. A coluna, também, trazia mensagens de diretrizes em favor de união, afirmação e mobilização de luta para esses trabalhadores.

É importante levarmos em consideração que a microrregião do Pontal do Triângulo Mineiro passava por diversas mudanças desde os fins da década de 1940, e as publicações do jornal não eram somente reflexos dessas mudanças e da ascensão de novos atores, no jogo político e na luta por direitos, mas, também, o jornal era um agente em favor dos que se diziam representar esses novos grupos, assim, visando levar uma mensagem desses para seus leitores, bem como em trazer projetos e propostas para o seu meio.

Essas modificações, no seio social da região, se deram, em primeiro momento, devido à produção, em grande escala, de arroz, na região, e a ascensão da rizicultura como principal produto econômico na microrregião, impulsionando a migração entre as décadas de 1950 e 1970. A economia do Pontal

<sup>31</sup> FOLHA DE ITUIUTABA, N.1195, ano XXI, Ituiutaba (MG), 1 de ago. de 1962.

Triângulo Mineiro se inseriu na produção nacional de alimentos, Ituiutaba e as cidades do entorno vivenciaram um forte crescimento econômico, atrelado ao aumento da população urbana e rural, junto ao êxodo de trabalhadores vindos de outras regiões, à urbanização e ao ascendente incremento da produção da rizicultura, que era atada à industrialização, para beneficiamento desse produto, dentro do perímetro urbano.

A região passou a ser uma grande fornecedora, que abastecia, em partes, o interior dos estados e as capitais de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Políticas públicas e econômicas de incentivo à produção, como a adoção de preços mínimos, empréstimos, créditos e subsídios, facilitados por instituições bancárias (principalmente pelo Banco do Brasil) – e o estímulo ao incremento para a produção agrícola, influenciaram o processo na microrregião. Nas primeiras décadas da segunda metade do século XX, o arroz se tornou o principal produto da região, onde as elites econômicas e detentoras dos meios de produção regional começam a denominar o município de Ituiutaba como a “capital do arroz”. Nesse período a produção de alimentos, na região, passou por um processo modernizador, com processos de manejo, baseados na derrubada indiscriminada e no latifúndio, ocasionando divergências dos latifundiários com os trabalhadores rurais e os pequenos produtores. De fato, houve lucro e benefícios com esse sistema produtivo, entretanto, não foi usufruído por muitos, pois houve concentração de capital na mão de poucos<sup>32</sup>.

A produção do arroz era algo dispendioso, requeria cuidados especiais para o cultivo, além de grande número de pessoas para trabalhar na adubação e correção do solo, no plantio, na colheita e no manejo do produto, nos centros de armazenagem e no beneficiamento do arroz, que se localizavam no perímetro urbano. Nesse contexto, como não havia um número efetivo de trabalhadores na região, para suprir a demanda, entra em cena uma forte migração de trabalhadores vindos da região norte de Minas Gerais (principalmente, da região do Vale do Jequitinhonha), e, em maior número, do norte e nordeste do Brasil<sup>33</sup>.

O jornal também teve papel fundamental na articulação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ituiutaba. A partir de 1963 a Folha de Ituiutaba passou a divulgar, em suas páginas, convocações e informes sobre os encontros

<sup>32</sup> GIAVARA, Eduardo. A dinâmica da produção do arroz em Ituiutaba (Minas Gerais, 1950-1970). *Patrimônio e Memória* (UNESP), Assis -SP, v. 15, p. 182-199, 2019.

<sup>33</sup> SILVA, Dalva Maria de Oliveira. Memória: Lembrança e Esquecimento. Trabalhadores nordestinos no Pontal do triângulo mineiro nas décadas de 1950 e 60. Programa de Pós Graduação em História (dissertação de Mestrado) PUC - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

preparatórios, indicando locais os locais, dias e o horário das reuniões. Em nota publicada sob o título de “Convite aos Trabalhadores”, o periódico chamava para uma assembleia realizada em 15 de dezembro de 1963 na Câmara Municipal de Ituiutaba, onde seriam tratados vários assuntos como “o salário-mínimo, abono-família, aposentadoria, entre outros”. Esse encontro serviu para agregar operários e lavradores, que dias depois formaria o Sindicato dos Trabalhadores Rurais<sup>34</sup>.

Em 1964, na sua primeira edição anual, o jornal noticiou com destaque a fundação oficial do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ituiutaba, realizada em assembleia em 19 de janeiro daquele ano, também na Câmara Municipal. Segundo o periódico, o evento contou com cerca de 500 trabalhadores do campo. A notícia ainda registrou a segunda reunião do sindicato, que também já havia acontecido, no dia 26 de janeiro, esse contando com mais de 800 homens. A cobertura destacou a mobilização pelo entusiasmo e dimensão do movimento, classificando o número de presentes como uma “cifra surpreendente” em que os trabalhos “transcenderam numa atmosfera de grande entusiasmo” evidenciando a mobilização e a união dos trabalhadores em torno das reivindicações<sup>35</sup>.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ituiutaba é fechado poucos meses após a sua fundação. Na mesma ação civil-militar que destituiu do poder público os trabalhistas e empastelou o impresso, líderes que estavam à frente do sindicato, também foram presos, e, da mesma forma que os jornalistas, foram tachados de “comunistas” e membros do “credo vermelho”<sup>36</sup>. Desse modo, junto ao jornal, e aos agentes políticos que se moviam em favor do trabalhismo, também foi desmantelado o recém-criado grupo de aglutinação dos trabalhadores.

## Trabalhismo e nacionalismo

Durante seu trajeto, o impresso apoiava medidas de políticas trabalhistas e nacionalistas. O getulismo era marcado por essas duas ideologias: a primeira se baseava na luta por direitos dos trabalhadores e na justiça social, e a segunda se baseava na ideia de autossuficiência nacional e independência política em relação ao domínio estrangeiro – de tal modo elas se complementavam no ideário político progressista brasileira da época.

<sup>34</sup> FOLHA DE ITUIUTABA, N.1300, ano XXII, Ituiutaba (MG), 07 de set. de 1963.

<sup>35</sup> FOLHA DE ITUIUTABA, N.1304, ano XXII, Ituiutaba (MG), 01 de fev. de 1964.

<sup>36</sup> ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO – Fundo DOPS, rolo 018, pasta 0269 - im.310; 365.

Nos anos 1950, instaurou-se, no Brasil, um grande conflito em torno do modelo de desenvolvimento econômico nacional. Parte da sociedade civil acreditava que a saída era a postura “nacionalista”, que defendia a ausência de influência do capital estrangeiro no país, sendo que o desenvolvimento econômico seria encaminhado pelo Estado e pelo capital de empresas nacionais, enquanto isso, grupos oposicionistas ao governo Vargas, principalmente, vinculados a UDN, defendiam a influência do capital estrangeiro dentro da nossa economia, vendo-o como um combustível para o desenvolvimento<sup>37</sup>.

Em relação a Getúlio Vargas, a Folha de Ituiutaba apresentou duas posturas distintas ao longo do percurso analisado. Em um primeiro momento, durante o governo presidencial de Vargas (1951-1954), o jornal apresentou desconfiança em relação ao estadista gaúcho, questionando o perfil autoritário e sua aproximação com potências estrangeiras, em especial com os Estados Unidos. No editorial “Brado de Alerta!” de 1954, o jornal rememorava o Estado Novo, referindo-se a “ditadura Vargas”, conclamando os políticos locais lutar em favor da democracia contra regimes como o do ex-ditador:

(...) apelar aos homens de maior responsabilidade no cenário político desta terra, nesta hora decisiva para o município com a aproximação do terceiro pleito eleitoral depois da ditadura Vargas. Cidade nova e já importante no Triângulo, Ituiutaba cresceu vertiginosamente, não só em densidade demográfica como comercial e política.<sup>38</sup>

Contudo, no momento de morte e pós-morte, a postura do impresso mudou significativamente. O jornal passa a descrever-lo como um estadista que havia beneficiado os trabalhadores e a nação brasileira, associando sua imagem ao nacionalismo e ao trabalhismo que os partidos getulistas defendiam, em especial, o PSD e o PTB. Nas eleições presidenciais de 1955 o jornal trouxe em manchete: “Juscelino e Jango: candidatos do Movimento Nacional Popular trabalhista”, vinculando diretamente os candidatos às reformas sociais iniciadas por Vargas:

O Movimento Nacional Popular Trabalhista, organização que há um núcleo neste município, reunindo em todo o país os líderes sindicais, várias entidades classistas, inclusive de funcionários públicos e o contingente mais forte da massa operária em torno

<sup>37</sup> SKIDMORE, Thomas Elliot. *Brasil: de Getúlio a Castello (1930-64)*. Trad. Berilo Vargas, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

<sup>38</sup> FOLHA DE ITUIUTABA, N.685, ano XIII, Ituiutaba (MG), 05 de jul. de 1954.

da reivindicação que vão da defesa democrática até às reformas de base mais preconizadas para o progresso e emancipação econômica do Brasil, principalmente aquela iniciadas pelo Presidente Getúlio Vargas, realizou a 6 e 7 do corrente, em São Paulo, a grande convenção Nacional.<sup>39</sup>

Getúlio Vargas foi um dos mais importantes líderes políticos brasileiros. Em 1929 liderou um movimento contrário às eleições, que acabou vitorioso e o levou à chefia provisória do país em 1930. Foi eleito constitucionalmente, por via indiretas, para o cargo de Presidente, quatro anos depois. Em 1937, fechou o congresso e implantou uma ditadura que ficaria conhecida como Estado Novo, dando continuidade a uma agenda de construção de um Estado de caráter nacionalista e intervencionista, se tornando extremamente popular. Mesmo assim, em 1945, foi deposto. Em 1950 foi eleito diretamente por sufrágio e voltou a ser Presidente da República pelo PTB em 1951, governo que viveu sobre forte oposição da UDN. Diante do acirramento político e de uma possível deposição política deu cabo a própria vida em 1954, deixando uma carta testamento que causou comoção popular. Mesmo morto, foi importantíssimo, nas eleições seguintes, principalmente, no pleito vitorioso de Juscelino Kubitschek, pela aliança entre as legendas do PSD e PTB, sem contar os seus herdeiros políticos que se destacaram no cenário político nos anos que se seguiram. A memória sobre Vargas e seu governo é algo em disputa constante desde sua morte, sendo visto o golpe em 1964 como a queda do getulismo e de seus herdeiros políticos – tanto que seus herdeiros políticos foram perseguidos pela ditadura instaurada<sup>40</sup>.

Ao reforçar o papel de Vargas, o jornal se exprimia no grupo dos herdeiros varguistas, que se diziam lutar por políticas trabalhistas. Essa posição de representação da realidade feita pela Folha de Ituiutaba no pós-morte de Getúlio Vargas se deu, porque o jornal, que desconfiava do líder trabalhista anteriormente, apoiou, nos anos que se seguiram, os seus herdeiros, não só Juscelino Kubitschek, João Goulart e Leonel Brizola, mas também trabalhistas e nacionalistas da região, que também reclamavam a herança do estadista. O jornal representava a imagem do falecido líder, como uma maneira de afirmar as posições de seus herdeiros políticos. Ao agir assim, o jornal fazia de seu grupo os legítimos herdeiros das políticas nacionalistas empregadas na gestão

<sup>39</sup> FOLHA DE ITUIUTABA, N.727, ano XIV, Ituiutaba (MG), 13 de ago. de 1955.

<sup>40</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. *Getúlio Vargas: uma memória em disputa*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

de Getúlio Vargas do período democrático, mas, ao mesmo tempo, faziam questão de se afastar da herança da ditadura do Estado Novo.

As relações da Folha de Ituiutaba com Juscelino Kubitschek tiveram um percurso bem distinto daquela mantidas com Vargas. Dessa vez, não houve oscilação de posicionamento: o jornal se mostrou fiel ao líder mineiro ao longo de todo seu percurso. Juscelino (também conhecido como JK, letras iniciais de seu nome) era visto pelo jornal como um dos principais herdeiros do Vargas no que se refere ao projeto nacionalista e modernizador (embora JK fosse filiado ao PSD, partido diferente do PTB de Vargas).

O apoio do jornal às políticas de JK se manifestou em diversas publicações que exaltavam às visões de progresso da região por meio de obras de infraestrutura, como a criação de estradas e geração de energia, – propostas que viriam a ser uma das bandeiras principais do político nacionalista para o desenvolvimento do interior do Brasil, usada em seu ao pleito como programa presidencial. O projeto de JK, conhecido como nacional-desenvolvimentismo, se baseava em realizações de incentivo ao progresso econômico por meio da industrialização e de construções estruturais, voltadas ao desenvolvimento interno do país e a integração nacional<sup>41</sup>.

Um exemplo desse apoio pode ser encontrado na edição de 11 de agosto de 1956, com a nota “Vultosa verba destinada à usina de Cachoeira Dourada”, que informava:

O Presidente Juscelino Kubitschek lavrou a autorização ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, para que conceda um empréstimo de Cr\$ 113.112.000,00, destinados às obras da usina hidrelétrica de Cachoeira Dourada, assim como para o aval do Tesouro Nacional a financiamentos estrangeiros, num montante de 1.427.000 dólares, para a mesma edificação.<sup>42</sup>

No ano seguinte a Folha de Ituiutaba noticiou o início da primeira fase da construção da usina, destacando a presença do presidente e de autoridades:

Com a presença do chefe da Nação e personalidades de destaque na vida política e administrativa do país, foi inaugurada na manhã de hoje, a primeira etapa da Usina de Cachoeira Dourada, já com sua linha de transmissão ligada a Goiânia, de onde prosseguirá para Brasília. Presidiu o ato inaugural o Presidente da

<sup>41</sup> MOREIRA, Vânia Maria Losada. Nacionalismo e desenvolvimento auto-sustentado. Revista Dimensões (UFES), Vitória - ES, v. 5, nº.5, p. 112-118, 1997.

<sup>42</sup> FOLHA DE ITUIUTABA, N.779, ano XV, Ituiutaba (MG), 17 de ago. de 1956.

República Sr. Juscelino Kubitschek, que ligou a chave pondo em funcionamento as turbinas(...)

Sabe-se que o Sr. Juscelino Kubitschek presidiu ainda a inauguração de vários melhoramentos em Goiânia, entre os quais a Penitenciária Agrícola do Estado, o Hospital dos Tuberculosos e o edifício sede da Centrais Elétricas de Goiás.<sup>43</sup>

Essas coberturas evidenciam o entusiasmo do jornal como projeto nacional desenvolvimentista de JK exposto pelo incentivo à industrialização, à modernização e integração territorial do Brasil. A Folha de Ituiutaba se manteve como apoiadora de JK durante praticamente toda a sua trajetória política, desde o período em que foi governador de Minas Gerais, passando pela campanha presidencial vitoriosa com João Goulart como vice, até a sua gestão como Presidente da República (1956-1960) e mesmo após o término do mandato.

No início da década de 1950, enquanto ocupava o mandato de deputado federal, Juscelino Kubitschek realizou uma visita à região, ocasião que também se dirigiu à redação da Folha de Ituiutaba. O periódico registrou o encontro em tom elogioso, destacando a afinidade do político mineiro com o espírito progressista da cidade e de seu jornal:

E na oportunidade de tão honrosa visita a “Folha de Ituiutaba” que comunga com essa laboriosa população os mesmos ideais de progresso e amôr ao torrão natal, faz também suas, as carinhosas manifestações de simpatia que o ilustre visitante recebe do povo tijucano<sup>44</sup>.

No término do mandado presidencial, o jornal voltou a registrar sua proximidade com JK, publicando uma “Mensagem do Presidente da República à direção da Folha: O diretor dêste jornal recebeu ontem do Sr. Juscelino Kubitschek, Presidente da República a seguinte mensagem”. A nota trazia uma mensagem, na íntegra, de JK, em seu último mês, ocupando o cargo de Presidente da República, escrita já na nova capital política do país: Brasília. A carta foi endereçada ao dono do jornal e nela o político mineiro afirmava o seu “reconhecimento pelo trabalho patriótico, apoio a luta que travei para conduzir a pleno êxito a causa do desenvolvimento nacional”, agradecendo o jornal e a sua redação pelo trabalho em conjunto<sup>45</sup>.

<sup>43</sup> FOLHA DE ITUIUTABA, N.779, ano XV, Ituiutaba (MG), 17 de ago. de 1956.

<sup>44</sup> FOLHA DE ITUIUTABA, N.932, ano XVIII, Ituiutaba (MG), 24 de jan. de 1959.

<sup>45</sup> FOLHA DE ITUIUTABA, N.1076, ano XIX, Ituiutaba (MG), 11 de jan. de 1961.

Em relação ao governo de João Goulart (1961-1964), o jornal alinhava-se de modo favorável. João Goulart, também conhecido como Jango, foi um dos principais nomes políticos dentro das esquerdas progressistas brasileiras durante a Quarta República (1945-1964). O petebista havia ocupado vários cargos políticos, mas ganhou destaque nacional quando foi indicado em 1953 ao cargo de Ministro do Trabalho durante o governo democrático de Vargas. Sua atuação, em pouco mais de seis meses no ministério, foi o bastante para garantir uma galeria de inimigos da direita antagetulista, inclusive foi demitido do cargo após pressão de setores militares em 1954. Mesmo sendo expulso do governo de Vargas, Jango tornou-se um dos herdeiros prediletos do ex-ditador, sendo que uma das três cópias da sua carta-testamento foi endereçada a Goulart, que saiu fortalecido do evento, tendo, durante o pleito a vice-Presidente, em 1955, mais votos que o próprio JK, e eleito novamente a vice, em 1960.

Com a renúncia de Jânio Quadros, em 1961, o vice João Goulart, que ainda estava em viagem pela China, foi vetado de assumir o cargo pelos militares, sendo que o Brasil, entre o final de agosto e início de setembro, foi governado por uma junta militar formada pelos ministros de Jânio Quadros. Afirmavam que, se Jango voltasse ao Brasil, seria preso. Abria-se aí uma crise política, tanto os militares quanto a sociedade civil, se dividiram sobre o destino do país. Destacou-se duas frentes de resistência em favor da pose de Jango: uma entre os militares, tendo à frente o Marechal Lott, e outra, no Rio Grande do Sul, liderada pelo governador Leonel Brizola. O congresso encontrou uma solução conciliatória: adotar, ligeiramente, um sistema parlamentarista via emenda na constituição. Jango aceitou, por medo de um conflito maior, e assumiu o executivo com os poderes amputados em 7 de janeiro de 1961. Mas a crise não terminou aí. O País vivia inflação ascendente e um alarmante volume de dívida externa. Para governar, Jango dependia de uma sólida base no congresso: tentou uma conciliação partidária para governar, mas, durante 16 meses, Goulart governou na defensiva, tentando se livrar do sistema parlamentar, e, depois, se voltou a viabilizar suas propostas de reformas sociais – encarnadas no projeto das Reformas de Base. Meio a crise política, em 1964, militares apoiados por segmentos da sociedade civil (grande imprensa, o empresariado, classe média, entre outros) articularam um golpe de Estado, derrubando Goulart e instaurando uma ditadura<sup>46</sup>.

---

<sup>46</sup> NAPOLITANO, Marcos. 1964: *História do Regime Militar Brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

Durante todo o período a Folha de Ituiutaba se posicionou favorável ao Governo Goulart. Na crise da posse em 1961, entre os escritos, se encontra um chamado “Nossa posição é contra o Golpe!”. Nesse editorial o impresso se posicionava diretamente sobre o momento:

Nossa posição, como de todo brasileiro digno, é contra o golpe que, em nosso entender, começou a ser perpetrado contra as instituições. E nem poderia ser outra, pois concebemos que só os desonestos e os insanos irrecuperáveis admitem ou aplaudem a instauração de uma ditadura no País. Como homens do jornal, bem diferentes dos jornalistas que mamam nas tetas dos trustes ou certas embaixadas, nem por sombra conseguimos conciliar regime de exceção com o exercício da função jornalística<sup>47</sup>.

A Folha de Ituiutaba também foi ativa no plebiscito que levaria ao fim do parlamentarismo e a retomada do presidencialismo em favor de Jango em 1963. Entre o final de 1962 e início de 1963, o jornal trazia, em suas páginas, vários escritos destacados nas edições com “Chegou a hora de dizer não!”<sup>48</sup>. Tomando quase toda uma página, essas propagandas políticas contra o sistema parlamentarista traziam imagens. Na primeira edição, havia um homem com um chapéu, com a testa franzida, rosto enrugado, poucos dentes na boca, e uma enxada nas costas, representando um trabalhador rural. Na segunda e terceira edição, com a propaganda, encontra-se uma mulher branca de cabelos na altura do queixo, com a cara esbravejada, e que apontava o dedo para o leitor, representava a mulher urbana de classe média. E, no último desses, havia uma massa de pessoas, simbolizando a união das diversas classes sociais, em passeata, em manifestação, segurando cartazes em favor do retorno ao presidencialismo. Todas essas imagens eram de artes desenhadas.

Mas dentre todas as pautas do governo de Goulart, uma teve grande destaque no jornal: As Reformas de Base. Essas reformas se pretendiam em diversas mudanças econômicas, políticas e sociais. Seriam elas: a reforma agrária, urbana, bancária, tributária, universitária, cambial e administrativa, além da regulamentação das remessas de lucros das multinacionais, a proposta era que todas essas fossem executadas de maneira gradual e moderada. Essas reformas tinham em vista um estímulo desenvolvimentista da indústria nacional, em conjunto com a reestruturação da produção agrária, integrando a

<sup>47</sup> FOLHA DE ITUIUTABA, N.1121, ano XIX, Ituiutaba (MG), 11 de jan. de 1961

<sup>48</sup> FOLHA DE ITUIUTABA, N.1124, ano XIX, Ituiutaba (MG), 11 de dez. de 1962; N.1125, ano XIX, Ituiutaba (MG), 15 de dez. de 1962; N.1126, ano XIX, Ituiutaba (MG), 19 de dez. de 1962; N.1129, ano XIX, Ituiutaba (MG), 05 de jan. de 1963.

crescente população urbana e rural ao mercado interno. Buscavam diminuir a desigualdade social, a partir de uma melhor distribuição de riquezas, eliminando os entraves do desenvolvimento econômico brasileiro<sup>49</sup>.

Em editorial, a Folha de Ituiutaba esclarecia seu parecer positivo frente às tais reformas, sob o título de “Como fazer omelete sem quebrar o ôvo”. O título se dá pela proposta de congressistas de se fazer a reforma sem mexer na constituição: coisa que o jornal via como impossível, ao mesmo tempo o editorial pressiona o governo de Jango, ao descrever se ele realmente teria interesse em executá-la. Ao início do escrito:

Nêsse assunto de reformas de base – de reforma agrária, sobre-tudo – temos nossa posição definida. Propugnamos por elas e apoiamos a campanha do Governo da União por sua consecução, muito embora, é bom que se diga, tenhamos também nossas dúvidas sobre se o sr. João Goulart deseja mesmo executá-las. Até segunda ordem, contudo, vamos admitir que tenha ele a intensão de fazê-lo<sup>50</sup>.

Dentre as Reformas de Base, uma, em particular, era de grande interesse e de destaque no jornal: A reforma agrária. Nesse período, o latifúndio passou a ser identificado, para grande parte da população brasileira, como a grande origem dos problemas do campo, e, consequentemente, da nação. Desde os anos 1940, e aumentando-se gradativamente até se radicalizar nos anos 1960, surge, na sociedade brasileira, a ideia da necessidade de mudar o meio rural brasileiro, e quebrar o monopólio de posses de terra. Os trabalhadores rurais passaram a agir como grandes atores no debate político público brasileiro, no que se refere à luta pela propriedade rural, surgindo diversas organizações, que reivindicavam a terra, como associações e sindicatos de trabalhadores rurais e ligas camponesas. O governo João Goulart se tornou uma fase de aceleração pela luta pela terra, pois se desenvolveu uma percepção dos intelectuais e políticos, frente a grupos de pressão, sobre a necessidade de equacionar a questão agrária como pauta fundamental no desenvolvimento econômico e social do Brasil<sup>51</sup>.

<sup>49</sup> NAPOLITANO, Marcos. 1964: *História do Regime Militar Brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

<sup>50</sup> FOLHA DE ITUIUTABA, N.1268, ano XXII, Ituiutaba (MG), 20 de jul. de 1963.

<sup>51</sup> GRYNSZPAN, Mario. O período Jango e a questão agrária: luta política e afirmação de novos atores. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). In: *João Goulart: entre a memória e a história*. 1ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 57-77.

O impresso ituiutabano defendia a reforma agrária antes do governo de Goulart entrar em cena, demonstrando, em várias publicações, durante os anos 1950, reivindicações dos trabalhadores, inclusive da região, em torno do tema. Em 1957 o impresso trouxe sobre “A execução da Reforma Agrária”, em que se afirmava que:

Se há problema deliberadamente procrastinado pelos nossos dirigentes, o da Reforma Agrária inscreve-se na primeira linha. Todos os homens públicos desses brasis, nas diversas esferas do poder, reconhecem a necessidade urgente de sua execução, como norma para extinguir o regime semi-feudal de produção em que vegeta a maior parcela dos brasileiros; para ampliar o mercado interno; para elevar o nível geral da vida, enfim, para abrir as comportas por onde possa deslizar caudalosa a ânsia transbordante de progresso do Brasil.<sup>52</sup>

Uma das características do Governo de João Goulart foi a de manter como perspectiva uma agenda política nacional na direção da democratização da propriedade e da cidadania, o mesmo motivo que incomodou algumas elites nacionais que desfrutavam de privilégios. O jornal concordou, de várias formas, com o governo de Jango: apoiando a sua posse, o fim do parlamentarismo, o Plano Trienal, as Reformas de Base, e a Reforma Agrária, em que fazia propaganda em prol dela na região, mas dentro de um sistema claro de desapropriação somente de grandes propriedades, – o latifúndio, – e, essencialmente improdutivas, inclusive sendo favorável a mudanças constitucionais para que ela ocorresse. Após o 1º de abril, da mesma maneira que Goulart e seu governo, o jornal foi um dos muitos que caíram, junto com todas as políticas reformistas desse momento.

Podemos afirmar que, um aspecto que se destaca nas páginas da Folha de Ituiutaba é a defesa do nacionalismo. Essas concepções atravessam a linha editorial do jornal e constitui o eixo em torno do qual se articulava suas interpretações políticas, econômicas e de sociedade – mesmo o periódico buscando demonstrar neutralidade. O nacionalismo, como ideologia de Estado, consolidou-se no Brasil ao longo de todo o período analisado, ancorando-se em políticas concebidas na segunda gestão de Getúlio Vargas (1951-1954) e também ao desenvolvimentismo do governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), e ao reformismo social, com tendências voltadas para as Reformas de Base de João Goulart (1962-1964), sendo uma constante construção ao longo desse

<sup>52</sup> FOLHA DE ITUIUTABA, N.855, ano XVI, Ituiutaba (MG), 25 de dez. de 1957.

período. Para os nacionalistas, “defender o desenvolvimento autossustentado significava, em primeiro lugar, criticar o modelo econômico agrário-exportador e, por extensão, a classe social a ele ligada: a oligarquia latifundiária”<sup>53</sup>.

O discurso do jornal carregava, assim, uma concepção de nacionalismo que se associava à ideia de libertação das formas de dominação interna e externa. A Folha de Ituiutaba criticava a dependência econômica, ao mesmo tempo em que condenava o poder concentrado do latifúndio e defendia o fortalecimento dos trabalhadores rurais. Ao adotar essa perspectiva, o jornal se alinhava a grupos regionais e nacionais que viam no desenvolvimento autônomo e na justiça social as bases para o progresso da nação.

## Considerações finais

A Folha de Ituiutaba, ao longo de seu trajeto, representava em suas páginas ideias políticas de uma elite regional progressista que se apoiava em ideias de mudança social. E esses foram um dos motivos do fechamento do jornal: eram lutas que reivindicavam um plano de democratização social, o que ia de encontro com outro projeto contrário que visualizava a manutenção de privilégios de outras elites políticas.

O fervor dos adversários da Folha de Ituiutaba alegava que o jornal era um difusor de ideias “subversivas”, e, por isso, deveria ser interditado. Atribuíam-lhe o rótulo de “comunista” e “subversivo” – acusação que serviam mais como instrumento de deslegitimação política do que um reflexo real de sua orientação editorial. O fechamento do periódico não se deu propriamente por essas alegações, mas sim por verem ele como propagador de visões de mundo. E depois de mais de uma década de denúncias e vigilância, o golpe de 1964 foi a oportunidade das elites políticas inimigas daquela a qual o periódico era alinhado, de cessar sua produção e circulação. Era imprescindível barrar o maior suporte de condução de ideias e ações desse grupo.

Os opositores tentaram diversas vezes interditar a Folha de Ituiutaba, por meio de vigilância e de denúncias na polícia política, mas não tiveram êxito até 1964. Com a mudança no quadro político, decorrentes do golpe político, as elites locais, opositoras a Folha de Ituiutaba, alinhadas com os grupos que ascenderam, viram no decreto do Ato Institucional um terreno fértil para destituir de poder qualquer forma de oposição ao novo regime. Contudo, não podiam fazer isso sozinhas. Para tanto convocaram uma junta militar vinda

<sup>53</sup> MOREIRA, Vânia Maria Losada. Nacionalismos e reforma agrária nos anos 50. *Rev. Brasileira de História* [online], vol.18, n.35, 1998, p, 333.

de fora, onde destituíram os trabalhistas do poder público, prenderam os sindicalistas da região (desmontando os sindicatos), e empastelaram o jornal, principal difusor de ideias ligadas a esses grupos. Por mais que seja um rearranjo de políticas regionais específicas do Pontal do Triângulo, os militares, ao fazer essas ações e alianças, garantiam o controle desses rincões do Brasil. Portanto, podemos afirmar que a ditadura, mesmo em seu início, desenvolveu um aparelho altamente sofisticado de controle regional.

A Folha de Ituiutaba tinha um projeto editorial e jornalístico em defesa de uma agenda progressista, que incorporava lutas que se diziam em favor dos trabalhadores, apoiando greves em favor de melhores salários de servidores municipais, de trabalhadores rurais, e em favor de leis como a Semana Inglesa (com uma jornada de trabalho mais digna aos trabalhadores do comércio), um novo sistema tributário municipal voltado conforme o tamanho da propriedade, em favor de leis trabalhistas, como salário mínimo e férias, além das Reformas de Base - a reforma educacional, a reforma tributária, a remessa de lucros e em especial a reforma agrária.

## Referências

- ASSIS, Francisco de (Org.). *Imprensa do interior: conceitos e contextos*. Chapecó: Argos, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz, Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2003.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- CHARTIER, Roger. O mundo como Representação. In: \_\_\_\_\_. *À Beira da Falésia: A História entre Certezas e Inquietude*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 61-80.
- DAMASCENO, Patrícia L. Design de Jornais: projeto gráfico, diagramação e seus elementos. *Biblioteca Online de Ciências da Comunicação (BOCC)*, v. 1, p. 1-40, 2013.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Trabalhismo, nacionalismo e desenvolvimentismo: um projeto para o Brasil. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001, p. 167-293.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *Getúlio Vargas: uma memória em disputa*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

GIAVARA, Eduardo. A dinâmica da produção do arroz em Ituiutaba (Minas Gerais, 1950-1970). *Patrimônio e Memória* (UNESP), Assis -SP, v. 15, p. 182-199, 2019.

GRYNSZPAN, Mário. A teoria das elites e sua genealogia consagrada. *BIB: Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, v. 41, p. 35-83, 1996.

GRYNSZPAN, Mario. O período Jango e a questão agrária: luta política e afirmação de novos atores. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). In: *João Goulart: entre a memória e a história*. 1ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 57-77

HIPPOLITO, Lucia. *De Raposas e Reformistas: O PSD e a experiência democrática brasileira (1945-64)*. 2º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Trad. Marcos Santarrita, 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico de 2010*, Rio de Janeiro: IBGE, 2010

MATEUS, Renato. *A dinâmica da agricultura no cerrado: do apogeu do arroz à modernização do campo na região de Ituiutaba/MG (1946-1974)*. Monografia (Graduação) - Curso de História, Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia, Ituiutaba, 2013.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Nacionalismo e desenvolvimento auto-sustentado. *Revista Dimensões* (UFES), Vitória - ES, v. 5, nº.5, p. 112-118, 1997.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Nacionalismos e reforma agrária nos anos 50. *Rev. Brasileira de História* [online], vol.18, n.35, p.329-360, 1998.

NAPOLITANO, Marcos. 1964: *História do Regime Militar Brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50*. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (Tese de doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/ECO), 2000.

SILVA, Dalva Maria de Oliveira. Memória: *Lembrança e Esquecimento*. Trabalhadores nordestinos no Pontal do triângulo mineiro nas décadas de 1950 e 60. Programa de Pós-Graduação em História (dissertação de Mestrado) PUC - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

Caio Vinicius de Carvalho Ferreira

SKIDMORE, Thomas Elliot. *Brasil: de Getúlio a Castello (1930-64)*. Trad. Berilo Vargas, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Artigo recebido para publicação em 05/03/2025 e aprovado em 30/06/2025.